

A inteligência artificial generativa na era da desinformação

Giulia Nascimento Martins

Mestra em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). São Paulo, Brasil.

nascimento.martins@unesp.br

Natália Marinho do Nascimento

Docente do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). São Paulo, Brasil.

natalia.nascimento@unesp.br

Resumo

Objetivo: Analisar o impacto da Inteligência Artificial Generativa na intensificação da desinformação, discutindo os riscos éticos e a necessidade imperativa de desenvolver competências críticas em informação para mitigar os efeitos da desordem informativa na esfera pública. **Metodologia:** Este estudo utilizou uma abordagem qualitativa baseada em revisão bibliográfica no campo da Ciência da Informação. A análise focou na conceituação da desinformação, nas dinâmicas de circulação nas redes sociais digitais e nos mecanismos técnicos da IA-G que potencializam a desordem informativa. **Resultados:** Os achados indicam que a IA-G acelera a produção de narrativas enganosas a custos reduzidos, facilitando operações de decepção em larga escala. Além disso, a capacidade de personalização da desinformação com base em vieses cognitivos individuais dificulta a validação factual. O estudo destacou a importância de distinguir a desinformação da mera informação incorreta para compreender seus mecanismos estruturais. **Conclusões:** A desinformação, intensificada pelas redes sociais digitais e pela IA-G, representa um desafio central para a sociedade contemporânea. O combate a este fenômeno exige abordagens integradas que articulem políticas de regulação tecnológica, o fortalecimento da competência em informação e o desenvolvimento de estratégias éticas de uso da inteligência artificial. A compreensão crítica desses processos é indispensável para a construção de ambientes informacionais mais transparentes e responsáveis.

Descritores: Desinformação. Inteligência Artificial. Redes Sociais Digitais.

Recebido em: 01.10.2024 | **Aceito em:** 11.02.2026

1 Introdução

O ambiente digital contemporâneo é marcado por uma saturação informacional sem precedentes, onde a velocidade de produção e disseminação de conteúdos supera, frequentemente, a capacidade de verificação e análise crítica pelos usuários. Neste cenário, o conceito de desinformação ganha destaque no debate público, não apenas pela sua rápida disseminação nas redes sociais digitais, mas pela sua natureza multidimensional, que atua como um parasita no ecossistema da informação (Ferrari; Boarini, 2020). Longe de ser um fenômeno recente, a desinformação foi reconfigurada pelas tecnologias digitais, exigindo uma análise apurada sobre as bases que a favorecem e o ecossistema que a possibilita (Sánchez Duarte; Magallón-Rosa, 2023).

A transição para a denominada Web 2.0 potencializou a criação de uma desordem informativa, caracterizada pela replicação automática e acrítica de conteúdos enganosos, fenômeno metaforicamente descrito como a "zumbificação da informação" (Leite; Matos, 2017). Esta dinâmica é agravada pela polissemia do termo desinformação, que atravessa disputas de sentido e projetos de poder, confundindo-se muitas vezes com o uso indiscriminado do conceito de fake news, que tende a obscurecer mecanismos mais profundos de manipulação e ruído informacional (Brisola; Bezerra, 2018).

Mais recentemente, a rápida evolução e a crescente acessibilidade das ferramentas de inteligência artificial generativa adicionaram uma camada de complexidade sem precedentes a este contexto. A capacidade dessas tecnologias de produzirem textos, imagens e vídeos altamente verossímeis em tempo recorde intensifica o caos informacional, dificultando a distinção entre fatos e fabricações sintéticas (Feuerriegel; Hartmann; Janiesch; Zschech, 2024). Diante dessa conjuntura, o presente artigo tem como objetivo analisar o impacto da inteligência artificial generativa na intensificação da desinformação, discutindo os riscos éticos e a necessidade imperativa de desenvolver competências críticas em informação para mitigar os efeitos da desordem informativa na esfera pública.

Para tanto, o estudo configura-se em qualitativo do tipo descritivo baseado na revisão bibliográfica na Ciência da Informação. A análise focou na conceituação da desinformação, nas dinâmicas de circulação nas redes sociais digitais e nos

mecanismos técnicos da IA-G que potencializam a desordem informativa.

2 Desinformação

O conceito de desinformação tem ganhado destaque no debate público contemporâneo, impulsionado pela sua natureza multidimensional e pela sua rápida disseminação no ambiente online. Apesar de não ser um fato recente, a desinformação foi reconfigurada pelas tecnologias digitais, exigindo uma análise apurada sobre as bases que a favorecem e o ecossistema que a possibilita (Sánchez Duarte; Magallón-Rosa, 2023). Ainda de acordo com os autores, o campo da Ciência da Informação, diversos autores apontam a inexistência de um consenso conceitual, uma vez que o termo tem sido empregado para designar práticas, estratégias e efeitos distintos, dependendo do contexto social, político e tecnológico em que se manifesta. Essa polissemia não é apenas semântica, mas reflete disputas de sentido e diferentes projetos de poder que atravessam o uso da informação.

De acordo com Sánchez Duarte e Magallón-Rosa (2023), a desinformação deve ser compreendida como parte de um ecossistema informacional mais amplo, marcado pelo que os autores denominam de desordem informativa. Nessa perspectiva, a desinformação distingue-se da informação incorreta difundida sem intenção de enganar, pois está associada à produção e à circulação estratégica de conteúdos falsos ou enganosos com objetivos específicos, como manipulação política, obtenção de vantagens econômicas ou desestabilização social. Tal entendimento aproxima-se de abordagens que enfatizam a intencionalidade como elemento central do fenômeno. Ademais, Pinheiro e Brito (2014) destacam que o conceito de desinformação não se limita apenas à falsidade do conteúdo. Para os autores, ele pode ser interpretado também como uma forma de ruído, como um instrumento de alienação coletiva e dominação, ou até mesmo como um logro arquitetado para enganar o receptor.

A compreensão do fenômeno exige distinções precisas entre termos que, no senso comum, são frequentemente tratados como sinônimos. Autores do campo da Ciência da Informação brasileira reforçam que a desinformação não se limita à presença de conteúdos falsos, mas envolve também processos de seleção, omissão, enquadramento e circulação da informação. Enquanto a desinformação se caracteriza

pela disseminação deliberada de conteúdos falsos ou enganosos com o objetivo de causar danos, às fake news representam apenas uma das formas dessa desordem informativa (Brisola; Bezerra; 2018). Brisola e Bezerra (2018) argumentam que a ênfase exclusiva nas chamadas fake news tende a obscurecer mecanismos mais profundos de produção da desinformação, os quais operam inclusive por meio de informações verdadeiras deslocadas de contexto ou articuladas de forma a induzir interpretações distorcidas. Assim, a desinformação deve ser analisada como um processo relacional, e não apenas como um produto isolado.

Nesse sentido, Rodríguez Pérez (2019) problematiza o uso indiscriminado do termo fake news, apontando que sua popularização reduz a complexidade do fenômeno e favorece apropriações discursivas que deslegitimam o jornalismo profissional. Conforme o autor, a substituição do termo fake news por desinformação permite abarcar práticas como propaganda, conteúdos manipulados, informações enviesadas e narrativas enganosas, além de evidenciar as motivações ideológicas e econômicas subjacentes à sua produção e disseminação.

A literatura também destaca que a desinformação não é um fenômeno exclusivo da era digital, embora encontre nas redes digitais condições particularmente favoráveis para sua expansão. Segundo Brito e Pinheiro (2015), estratégias de desinformação estiveram historicamente associadas a operações políticas, militares e psicológicas, sendo utilizadas como instrumentos de poder e dominação. O ambiente digital, contudo, potencializa essas práticas ao ampliar a velocidade de circulação, reduzir custos de produção e fragmentar os processos tradicionais de mediação informacional.

Pinheiro e Brito (2014) observam que, no âmbito da Ciência da Informação, a desinformação tem sido interpretada a partir de diferentes chaves analíticas, incluindo sua associação à ausência de informação, ao ruído informacional e ao engano deliberado. Para os autores, a falta de clareza conceitual compromete a capacidade de identificação do que efetivamente constitui informação, sobretudo em contextos marcados pela sobreposição entre dados verdadeiros e falsos. Tal indefinição afeta diretamente os processos de avaliação, uso e apropriação da informação pelos sujeitos.

A intensificação da desinformação nas redes sociais digitais também tem sido analisada a partir de metáforas que evidenciam seus efeitos sociais e cognitivos. Leite

e Matos (2017) utilizam a analogia da zumbificação da informação para descrever comportamentos de consumo e compartilhamento acrítico de conteúdos, nos quais os indivíduos atuam como replicadores automáticos de informações enganosas. Essa dinâmica estaria relacionada a características técnicas da chamada Web 2.0, à cultura da hiperconectividade e à sobrecarga informacional.

Ferrari e Boarini (2020) reforçam essa leitura ao caracterizar a desinformação como um fenômeno de natureza rizomática, que se expande de forma não linear e interconectada, articulando-se a práticas como o negacionismo e a disseminação de conteúdos enganosos. Conforme as autoras, a fluidez e a capilaridade das redes digitais contribuem para a consolidação de ambientes informacionais instáveis, nos quais a desinformação compromete o debate público e representa um risco às dinâmicas democráticas.

Diante desse cenário, a rápida evolução e a crescente acessibilidade das ferramentas de IA-G adicionam uma camada complexa à disseminação de conteúdos enganosos. Conforme ensinado por Ferrari e Boarini (2020), a desinformação se beneficia de tecnologias que permitem a criação automatizada e sofisticada de informações falsas, intensificando o caos informacional e exigindo novas estratégias de verificação e letramento digital.

A CI, por meio da mediação informacional e da difusão da competência crítica em informação, além da valorização da informação como bem comum, se constitui em uma área que contribui para fortalecer a capacidade dos usuários de reconhecer, avaliar e questionar os conteúdos consumidos nas redes sociais. Como defendem Brisola e Bezerra (2018), o uso da linguagem na desinformação muitas vezes oculta conflitos sociais e manipula sentidos, tornando ainda mais urgente o desenvolvimento de habilidades críticas por parte dos indivíduos. A CI, nesse sentido, assume um papel pedagógico fundamental (Martins, 2025).

Assim, o profissional da informação deve trabalhar contra as fake News, uma vez que ele deve atuar na promoção de acesso à informação confiável e de auxiliar na formação dos usuários garantindo que eles sejam capazes de avaliar as informações que consomem.

3 Desinformação nas redes sociais digitais

A dinâmica das redes sociais digitais introduz condições específicas que favorecem a produção, a circulação e a legitimação da desinformação. A literatura da Ciência da Informação aponta que a arquitetura dessas plataformas, que é orientada por métricas de engajamento, visibilidade e recomendação algorítmica, tende a privilegiar conteúdos de forte apelo emocional, independentemente de sua veracidade, o que contribui para a amplificação de narrativas enganosas (Brisola; Bezerra, 2018). Nesse contexto, a desinformação deixa de ser um evento pontual para se configurar como um fluxo contínuo, sustentado por práticas de compartilhamento rápido e pouco reflexivo.

De acordo com Brito e Pinheiro (2015), a migração das estratégias de desinformação para o ambiente digital potencializa mecanismos historicamente utilizados em operações políticas e psicológicas, ao mesmo tempo em que fragiliza os processos tradicionais de mediação informacional. Nas redes sociais digitais, a ausência de filtros editoriais consolidados e a fragmentação das fontes de autoridade informacional favorecem a circulação de conteúdos manipulados, dificultando a avaliação crítica por parte dos usuários.

Pinheiro e Brito (2014) observam que, nesses ambientes, a desinformação opera de maneira híbrida, combinando informações falsas, dados verdadeiros descontextualizados e enquadramentos discursivos enviesados. Tal sobreposição compromete a distinção entre informação e ruído informacional, intensificando a incerteza cognitiva e afetando os processos de apropriação da informação. Assim, a desinformação nas redes sociais digitais não se restringe ao conteúdo em si, mas envolve as condições técnicas e sociais que estruturam sua circulação.

A metáfora da zumbificação da informação, proposta por Leite e Matos (2017), contribui para a compreensão desse fenômeno ao evidenciar comportamentos de consumo e compartilhamento acrítico típicos da Web 2.0. Segundo os autores, a lógica da hiperconectividade e da sobrecarga informacional induz os sujeitos a atuarem como replicadores automáticos de conteúdos, reduzindo o espaço para a reflexão e para a verificação das informações antes de sua disseminação.

Ferrari e Boarini (2020) acrescentam que a natureza rizomática das redes sociais digitais intensifica a capilaridade da desinformação, permitindo sua expansão

não linear e sua adaptação a diferentes públicos e contextos. Conforme as autoras, essa dinâmica favorece a consolidação de ambientes informacionais instáveis, nos quais narrativas enganosas se articulam a práticas como o negacionismo, comprometendo o debate público e ampliando os riscos para a vida democrática.

Nesse cenário, as redes sociais digitais configuram-se como espaços privilegiados para a análise da desinformação, exigindo abordagens que considerem as suas diversas dimensões.

4 Inteligência artificial generativa

A rápida evolução e a crescente acessibilidade das ferramentas de inteligência artificial generativa adicionam uma camada de complexidade sem precedentes à disseminação de conteúdos enganosos no ecossistema digital. Conforme ensinado por Feuerriegel, Hartmann, Janiesch e Zschech (2024), a inteligência artificial generativa revolucionou a produção de conteúdo ao permitir a criação automatizada de textos, imagens e vídeos que frequentemente se tornam indistinguíveis da produção humana. Esse avanço tecnológico, embora ofereça oportunidades em diversas áreas, intensifica o caos informacional ao reduzir drasticamente o custo e o tempo necessários para a fabricação de desinformação (Feuerriegel; Hartmann; Janiesch; Zschech, 2024).

De acordo com Sánchez Duarte e Magallón-Rosa (2023), a capacidade da inteligência artificial generativa de produzir conteúdos altamente verossímeis amplia a eficácia de operações de decepção em larga escala. A sofisticação técnica desses materiais manipulados dificulta a distinção entre fatos e fabricações, tanto para os usuários quanto para os mecanismos tradicionais de detecção automática. Ademais, estudos indicam que esses modelos podem gerar informações falsas com alto grau de confiança, fenômeno conhecido como alucinações, o que representa um risco adicional à integridade da informação (Casar Corredera, 2023).

A literatura aponta que a inteligência artificial generativa não apenas agiliza a produção de conteúdo falso, mas também permite a personalização da desinformação em nível individual. Conforme analisam Feuerriegel, Hartmann, Janiesch e Zschech (2024), a capacidade de criar narrativas sob medida para diferentes públicos-alvo amplia o impacto emocional e a probabilidade de aceitação de falsas narrativas. Esse

processo, sustentado por modelos de linguagem de grande escala (Large Language Models - LLM's), potencializa o viés de confirmação dos usuários e dificulta a verificação factual, uma vez que o conteúdo é adaptado para contornar defesas cognitivas (Feuerriegel; Hartmann; Janiesch; Zschech, 2024).

Além disso, a geração de conteúdo sintético por meio de Redes Adversárias Generativas (Generative Adversarial Networks - GANs) permite a criação de imagens e vídeos manipulados de altíssima qualidade (Casar Corredera, 2023). Isso viabiliza a produção de deepfakes que podem desacreditar figuras públicas ou disseminar narrativas falsas com alto poder de convencimento, desafiando a noção de evidência visual na cultura contemporânea. Como discutido por Feuerriegel, Hartmann, Janiesch e Zschech (2024), a distinção entre realidade e conteúdo sintético torna-se cada vez mais tênue, exigindo novos paradigmas de análise.

A desinformação gerada por IA também levanta questões sobre a veracidade acadêmica e o letramento digital. Casar Corredera (2023) enfatiza que a utilização desses modelos na educação e na produção científica pode levar à disseminação de equívocos se não houver supervisão adequada. A Inteligência Artificial Generativa (IA-G) não possui compreensão factual, apenas probabilística, o que resulta em conteúdos que parecem corretos, mas carecem de fundamentação real (Casar Corredera, 2023).

Nesse contexto, a superação dos desafios impostos pela inteligência artificial generativa perpassa pelo desenvolvimento de competências críticas em informação. Conforme apontado por Trindade e Oliveira (2024), é fundamental capacitar os indivíduos para avaliar a procedência, a veracidade e o contexto dos conteúdos consumidos no ambiente online. A competência em informação torna-se, assim, uma ferramenta de defesa indispensável contra a desinformação automatizada, exigindo habilidades para questionar a origem e a intenção dos conteúdos gerados sinteticamente (Trindade; Oliveira, 2024). A complexidade do tema reforça a necessidade de uma abordagem multidisciplinar que envolva legisladores, empresas de tecnologia e pesquisadores para mitigar os riscos éticos e sociais associados (Feuerriegel; Hartmann; Janiesch; Zschech, 2024).

5 Considerações finais

O presente estudo buscou analisar a desinformação no ecossistema informacional contemporâneo, articulando suas bases conceituais, seus modos de circulação nas redes sociais digitais e os impactos recentes da Inteligência Artificial Generativa (IA-G) sobre esse fenômeno. A partir da literatura da Ciência da Informação, evidenciou-se que a desinformação não pode ser compreendida como um problema restrito à falsidade do conteúdo, mas como um processo estratégico, intencional e estrutural, inscrito em disputas de poder, regimes de visibilidade e dinâmicas sociotécnicas que atravessam a produção e a circulação da informação.

A análise conceitual demonstrou que a polissemia do termo desinformação reflete diferentes abordagens teóricas e contextos de aplicação, exigindo cautela analítica e precisão terminológica. Nesse sentido, a distinção entre desinformação e fake news mostrou-se fundamental para evitar reducionismos que obscurecem mecanismos mais complexos de manipulação informacional. Ao compreender a desinformação como parte de uma desordem informacional mais ampla, torna-se possível reconhecer seus vínculos históricos, políticos e tecnológicos, bem como seus efeitos sobre os processos de avaliação, uso e apropriação da informação.

No que se refere às redes sociais digitais, o estudo evidenciou que essas plataformas constituem ambientes particularmente favoráveis à intensificação da desinformação, em razão de suas arquiteturas técnicas, da lógica do engajamento e da aceleração dos fluxos informacionais. A sobreposição entre informação, ruído e conteúdos enganosos, associada a práticas de compartilhamento acrítico, compromete a construção de sentidos e fragiliza o debate público. Nesse contexto, a desinformação deixa de ser um evento isolado para se consolidar como um fluxo contínuo, sustentado por dinâmicas algorítmicas e comportamentais.

A incorporação da IA-G ao ecossistema informacional acrescenta uma camada adicional de complexidade a esse cenário. Ao automatizar a produção de conteúdos altamente verossímeis e reduzir barreiras técnicas para sua criação, essas tecnologias potencializam práticas de desinformação já existentes, ampliando sua escala, velocidade e capacidade persuasiva. Além disso, a opacidade dos modelos generativos e as dificuldades de rastreabilidade das fontes intensificam os desafios relacionados à confiabilidade, à autoria e à validação da informação.

Diante desses achados, o estudo aponta para a necessidade de abordagens integradas que articulem políticas de regulação tecnológica, fortalecimento da

competência em informação e desenvolvimento de estratégias éticas de uso da inteligência artificial generativa. O enfrentamento da desinformação no contexto atual não pode se limitar à identificação de conteúdos falsos, mas deve considerar os mecanismos estruturais que sustentam sua produção e circulação, bem como os impactos sociais, cognitivos e políticos decorrentes desses processos.

Conclui-se que a desinformação, intensificada pelas redes sociais digitais e pela IA-G, representa um desafio central para a Ciência da Informação e para a sociedade contemporânea. A compreensão crítica desse fenômeno é condição indispensável para a construção de ambientes informacionais mais transparentes, responsáveis e comprometidos com a qualidade da informação e com a preservação do debate público qualificado.

Referências

- BRISOLA, A. C.; BEZERRA, A. C. Desinformação e circulação de “fake news”: distinções, diagnóstico e reação. *In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, 19., 2018, Londrina. **Anais [...]** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2018. Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIX_ENANCIB/xixenancib/paper/viewPaper/1219. Acesso em: 08 jan. 2024.
- BRITO, V. P.; PINHEIRO, M. M. K. Poder informacional e desinformação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 8, n. 2, 2015. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/tpbci/article/view/355>. Acesso em: 24 dez. 2023.
- CASAR CORREDERA, J. R. Inteligencia artificial generativa. **Anales de la Real Academia de Doctores de España**, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 475-489, 2023. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9253095>. Acesso em: 04 jan. 2024.
- FERRARI, P.; BOARINI, M. A desinformação é o parasita do século XXI. **Organicom**, São Paulo, v. 17, n. 34, p. 37-49, set./dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/170549/168689>. Acesso em: 08 jan. 2024.
- FEUERRIEGEL, S.; HARTMANN, J.; JANIESCH, C.; ZSCHECH, P. Generative AI. **Business & Information Systems Engineering**, [S. l.], v. 66, n. 1, p. 111-126, 2024. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s12599-023-00834-7>. Acesso em: 09 jan. 2024.
- LEITE, L. R. T.; MATOS, J. C. M. Zumbificação da informação: a desinformação e o caos informacional. *In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação*, 27., 2017, Fortaleza. **Anais [...]** Fortaleza: FEBAB, 2017.

Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/918>. Acesso em: 07 jan. 2024.

MARTINS, G. N. **A violência contra a mulher nas redes sociais no contexto da desinformação**: uma perspectiva da Ciência da Informação. 2025. 70 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2025. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/210664a2-1846-4bba-8ab3-ae8fc3e29f81>. Acesso em: 01 jan. 2024.

PINHEIRO, M. M. K.; BRITO, V. P. Em busca do significado da desinformação. **DataGramZero**: Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 15, n. 6, dez. 2014. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/8068>. Acesso em: 25 dez. 2023.

RODRÍGUEZ PÉREZ, C. No diga fake news, di desinformación: una revisión sobre el fenómeno de las noticias falsas y sus implicaciones. **Comunicación**, [S.l.], n. 40, p. 65-74, ene./jun. 2019. Disponível em: <https://revistas.upb.edu.co/index.php/comunicacion/article/view/437>. Acesso em: 31 dez. 2023.

SÁNCHEZ DUARTE, J. M.; MAGALLÓN-ROSA, R. Desinformación. **Eunomía**: Revista en Cultura de la Legalidad, [S.l.], n. 24, p. 236-249, abr./sep. 2023. Disponível em: <https://erevistas.uc3m.es/index.php/EUNOM/en/article/view/7663>. Acesso em: 09 jan. 2024.

TRINDADE, A. S. C. E.; OLIVEIRA, H. P. C. Inteligência Artificial (IA) generativa e Competência em Informação: habilidades informacionais necessárias ao uso de ferramentas de IA generativa em demandas informacionais de natureza acadêmica-científica. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 29, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/47485>. Acesso em: 07 maio. 2024.

Generative artificial intelligence in the misinformation era

Abstract

Objective: To analyze the impact of Generative Artificial Intelligence on the intensification of disinformation, discussing ethical risks and the imperative need to develop critical information competencies to mitigate the effects of information disorder in the public sphere. **Methodology:** This study employed a qualitative approach based on a bibliographic review within the field of Information Science. The analysis focused on conceptualizing disinformation, its circulation dynamics in digital social networks, and the technical mechanisms of GAI that potentiate information disorder. **Results:** The findings indicate that GAI accelerates the production of deceptive narratives at reduced costs, facilitating large-scale deception

operations. Furthermore, the capacity for personalizing disinformation based on individual cognitive biases makes validation difficult. The study highlighted the importance of distinguishing disinformation from mere misinformation to understand its structural mechanisms. **Conclusions:** Disinformation, intensified by digital social networks and GAI, represents a central challenge for contemporary society. Combating this phenomenon requires integrated approaches that articulate technological regulation policies, the strengthening of information competence, and the development of ethical strategies for using artificial intelligence. Critical understanding of these processes is indispensable for building more transparent and responsible information environments

Descriptors: Disinformation. Artificial Intelligence. Digital Social Networks.

La inteligencia artificial generativa en la era de la desinformación

Resumen

Objetivo: Analizar el impacto de la Inteligencia Artificial Generativa en la intensificación de la desinformación, discutiendo los riesgos éticos y la necesidad imperativa de desarrollar competencias críticas en información para mitigar los efectos del desorden informativo en la esfera pública. **Metodología:** Este estudio utilizó un enfoque cualitativo basado en una revisión bibliográfica en el campo de la Ciencia de la Información. El análisis se centró en la conceptualización de la desinformación, las dinámicas de circulación en las redes sociales digitales y los mecanismos técnicos de la IA-G que potencializan el desorden informativo. **Resultados:** Los hallazgos indican que la IA-G acelera la producción de narrativas engañosas a costos reducidos, facilitando operaciones de decepción a gran escala. Además, la capacidad de personalización de la desinformación basada en sesgos cognitivos individuales dificulta la validación fáctica. El estudio destacó la importancia de distinguir la desinformación de la mera información incorrecta para comprender sus mecanismos estructurales. **Conclusiones:** La desinformación, intensificada por las redes sociales digitales y por la IA-G, representa un desafío central para la sociedad contemporánea. El combate a este fenómeno exige enfoques integrados que articulen políticas de regulación tecnológica, el fortalecimiento de la competencia en información y el desarrollo de estrategias éticas de uso de la inteligencia artificial. La comprensión crítica de estos procesos es indispensable para la construcción de ambientes informacionales más transparentes y responsables.

Descriptor: Desinformación. Inteligencia Artificial. Redes Sociales Digitales.